

## FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE

### Necessidades e Terminologias

Deire Lucia de Oliveira

*Pode-se viver dentro de um nome como se fosse uma casa com  
habitáveis cômodos, debruçando-se para as flores do luar,  
colhendo frutos no entardecer.  
Habitar um nome. É possível? Não só isso: é compulsivo. Os  
nomes existem para nos dar guarida, e alguns ficam acenando,  
chamando e prometendo mundos e fundos.  
Affonso Romano de Sant'Anna*

### RESUMO

O presente texto visa refletir, por meio de uma revisão documental, sobre a profissão professor e sua necessidade de formação continuada em uma relação dialética entre teoria e prática, baseada em Santos (2010) e Silva (2011). Alicerçada em Marin (1995) e em dicionários da língua portuguesa apresenta algumas terminologias que são encontradas na oferta de formação continuada de professores bem como suas concepções perpassando pelas ideias subjacentes a tais oportunidades. O conceito de trabalho na sociedade capitalista é baseado em Antunes (2000) e Manacorda (2007) e dão sustentação para compreensão dos diversos termos usados para formação docente e sua renomeação.

Palavras-chave: Trabalhador da Educação; Formação continuada de professores; Termos; Concepções;

### NECESSIDADE DE FORMAÇÃO DO TRABALHADOR PROFESSOR

O contato com a profissão docente inicia antes do ingresso na carreira e se prolonga com o exercício de sua prática profissional, não é possível precisar seu início e tampouco sua completude. Desta forma a profissão docente vai se constituindo em um processo contínuo que imprime suas marcas iniciais tão logo o indivíduo tenha suas primeiras experiências escolares, em um tempo e espaço de sua história pessoal. Mesmo antes de frequentar uma sala de aula já se ouve comentários sobre a escola: importância, papel social, organização, modulação e até conteúdos disciplinares com seus mitos e prazeres.

Não há dois profissionais que tenham a mesma formação, pois a trajetória de cada um é própria, individualizada e contextualizada na sua participação no projeto coletivo da sociedade na qual se encontra, influenciada diretamente pelo contexto familiar, das mais diversas maneiras.

O professor inserido numa sociedade, com valores, referenciais, objetivos e padrões, não pode ter seu trabalho deslocado do seu ser, há um amálgama que o envolve por meio das experiências e da formação. Aqui, entende-se

a formação de professores como domínio do conhecimento específico, articulado ao conhecimento pedagógico, em uma perspectiva de totalidade do conhecimento socialmente produzido e que permite perceber as relações existentes entre as atividades educacionais e a totalidade das relações sociais, econômicas, políticas e culturais em que o processo educacional ocorre (SILVA, 2011b, p. 349).

Os professores estão imersos na sociedade com um papel importante para a formação inclusive de novos trabalhadores desta mesma sociedade, então a relação dialética de que o conhecimento deve emancipar o indivíduo faz com que o professor reproduza e produza os valores e as assertivas, reiterando e provindo necessidades do mercado.

Assim como para Antunes (2000), neste texto o trabalho assume a centralidade do processo de humanização do homem e da transposição das suas formas pré-humanas para o ser social, e a expressão trabalho é usada “tanto significando atividade do trabalhador quanto indicando o produto dessa atividade” (MANACORDA, 2007, p. 57), caracterizando que o trabalho do professor é ensinar algo a alguém e também a aula dada. O trabalho é, então,

entendido em seu sentido mais genérico e abstrato, como produtor de valores de uso, é a expressão de uma relação metabólica entre o ser social e a natureza. [...] nas formas mais desenvolvidas de práxis social, paralelamente a relação homem-natureza desenvolve-se inter-relações com outros seres sociais, também com vistas a produção de valor de uso. Emerge aqui a práxis social interativa, cujo objetivo é convencer outros seres sociais a realizar determinado ato (ANTUNES, 2000, p. 139).

As transformações que ocorrem no trabalho e conseqüentemente na classe trabalhadora decorrentes dos processos de constituição do capitalismo contemporâneo embasaram Antunes (2000, p.103) a alterar o sentido do trabalho para “classe-que-vive-do-trabalho” e que engloba “tanto o assalariado industrial, como o conjunto de assalariados que vendem a sua força de trabalho”. Desta maneira amplia a noção de classe trabalhadora incluindo a totalidade do trabalho social e de serviços, abrangendo também os que trabalham, porém não criam valorização do capital.

O autor destaca as conseqüências destrutivas e de precarização da força de trabalho, onde a cada crise o capitalismo se reinventa e cria estruturas para lidar com os problemas gerados por ele mesmo. Cada nova ideia ou expressão que surge como proposta de enfrentar as crises é cooptada e passa por uma transformação em sua essência passando a fortalecer o capitalismo. Assim, mantendo seus fundamentos e seus pilares de produção o sistema capitalista se readapta, se reorganiza e se fortalece a cada

nova crise, por ter como aspectos permanentes seus pressupostos, gera a sensação de segurança apoiados no que se mantém inalterado.

Reconhece-se na educação, no trabalho do professor e na escola, uma forma de acesso às oportunidades de maneira igualitária. Todavia, a escola forma o novo trabalhador que também é um consumidor, provocando assim a engrenagem de consumo que caracteriza a sociedade regida pelo capitalismo, que não tem igualdade dentre suas bases. O processo educativo se depara em contradição por ser a possibilidade de libertação do homem e ao mesmo tempo sucumbe às necessidades sociais e produtivas.

As transformações sociais mediadas pelo processo educativo serão mais eficazes se a participação real do trabalho nesta ação for “uma inserção real no processo produtivo social, vínculo entre estruturas educativas e estruturas produtivas” (MANACORDA, 2007, p.67), e não meramente um discurso para fortalecer o capitalismo.

Entende-se que a formação inicial é a que possibilita que o sujeito ingresse em uma profissão, para os professores é “aquela que habilita profissionalmente, que permite a inserção no campo profissional da docência [...] estabelece o marco identitário da profissão docente” (BORGES, 2010, p.53). Por meio desta formação é que o contato com a escola passa a se estabelecer como uma relação profissional com o local de trabalho, e não mais somente na posição de aprendiz, entretanto, a formação inicial não despreza e apaga toda a relação que foi construída durante o percurso no ambiente escolar como aprendiz.

Santos (2010, p.67) ressalta que a docência é “um ofício que pressupõe a formalização de um corpo de saberes e conhecimentos adquiridos, construídos e reconstruídos durante a formação inicial e continuada”, e afinal os professores necessitam se apropriar de diversos conhecimentos sobre

a realidade social e escolar – desde analisar as implicações do modelo neoliberal para concepção de educação até desvendar e interpretar as culturas jovens, suas tribos e ritos; desde analisar criticamente a sociedade desigual em que vive até desvendar a contribuição do conhecimento científico para a interpretação de seus hábitos e práticas; desde decifrar as novas fontes de informação e seus mecanismos até a contribuição da arte como possibilidade de enfrentamento da violência que perpassa nosso cotidiano; desde conhecer profundamente os processos de raciocínio e pensamento dos alunos até dominar processos e modalidades de construção de um leitor crítico etc. (DIAS-DA-SILVA, 2005, p.392)

Tamanha diversidade de temas, preocupações e dos inúmeros conhecimentos que precisam ser dominados pelos professores, não é possível conceber a formação como estanque, acabada, e limitada a formação inicial, mesmo considerando que esta possibilite ao futuro professor se reconhecer nas diversas atribuições de sua função.

Não existe uma formação que seja abrangente e suficiente para formar o profissional professor, pois se assim fosse, o capital cultural seria estagnado e o que representaria uma limitação. A formação continuada se dá após a inicial e durante o exercício da atividade. Reconhece-se que a formação de professores

é um processo contínuo de desenvolvimento pessoal, profissional e político-social, que não se constrói em alguns anos de curso, nem mesmo pelo acúmulo de cursos, técnicas e conhecimentos, mas pela reflexão coletiva do trabalho, de sua direção, seus meios e fins, antes e durante a carreira profissional. (SILVA, 2011, p.15)

O homem é um ser social e histórico que se reconstitui a cada momento, nas relações com os outros, com os semelhantes, com os espaços que ocupa e as situações que vivencia e experimenta. Desta forma a necessidade de formação é contínua por ser uma condição ontológica do ser social. Ele nunca é o mesmo, a cada dia se recompõe e surgem novas necessidades.

É necessário ter claro o que caracteriza o professor como profissional é o ensinar em um processo dialógico com o aprender. Reconhece-se a necessidade de um processo contínuo de formação docente como “espaço de confrontação de conhecimentos, crenças e valores adquiridos e construídos na formação inicial e nas experiências pessoais e profissionais” (SANTOS, 2010, p. 65). Assim fortalecendo o trabalhador para que ele possa fazer as escolhas com clareza de suas vontades, anseios e repulsas.

Charlot (2005) apresenta uma reflexão sobre a relação entre teoria e prática combatendo a noção que por meio da ação e da reflexão sobre a ação o profissional professor se forma, afinal

formar professores é trabalhar os saberes e as práticas nos diversos níveis e situar, a partir do saber que e das práticas, os pontos em que podem se articular lógicas que são que permanecerão heterogêneas o que, aliás, é fundamental, porque a pretensão de integrar o saber e a prática em um discurso foi uma prática totalizante é fonte de dogmatismo e que totalitarismo. (CHARLOT, 2005, p.94)

A ideia de que o próprio profissional, por meio da reflexão sobre a prática, poderia superar as dificuldades do sistema de ensino aparecia atrelada à importância,

força e influencia do professor, enquanto que na realidade atribuía ao indivíduo responsabilidades que deveriam se da categoria e do sistema.

Toda proposta de formação continuada deve ter vistas ao crescimento profissional que está imbricado numa rede de relações composta pela escola, pelos alunos e por toda a comunidade escolar que perpassam pelo trabalho do professor. Não basta ter uma proposta pautada na prática, pois “a prática não é autoexplicativa, por isso a necessidade de uma teoria da educação que ofereça pistas teóricas e que ajude o dialogar com a realidade, assim como a redimensionar as práticas escolares” (SANTOS, 2010, p.75). O saber construído somente nas práticas, o saber cotidiano é importante e alimenta a produção de saberes teóricos, todavia, não é suficiente para lidar com a complexidade da função, a prática alicerçada somente na prática é vulnerável e não se sustenta.

O que se espera da formação continuada é “a conjugação de aspectos teóricos-práticos, que favoreçam uma sólida formação teórica, a reflexão crítica, na valorização da escola como espaço de formação e na valorização dos professores como sujeitos produtores de saber” (SANTOS, 2010, p. 67). A relação teoria-prática citada transcende a visão empirista por compreender que a imediaticidade da prática pedagógica possibilita vínculos com as relações sociais mais amplas, pois “é necessário alargar o conceito de *prática*, não a limitando ao domínio metodológico e ao espaço escolar” (GIMENO SACRISTÁN, 1995, p. 68), desta forma impulsionando reconfigurações das teorias e de suas aplicabilidades.

Há um sistema de retroalimentação de teorização entendido como um “movimento dialético que se realiza pela problematização da realidade e de suas práticas e retorna a ela, mas, não da mesma forma, pois nesse processo novos conhecimentos foram incorporados, propiciando a superação do estado caótico inicial” (SANTOS, 2010, p. 73), assim o processo de buscar teorias para entender a prática pode transformar a ação e conseqüentemente, propiciar outras necessidades de compreender as mudanças e as novas práticas por meio de outras teorias.

Para Nóvoa (1995) a formação continuada de professores deve estar constantemente articulada aos objetivos das instituições formadoras, as necessidades dos profissionais e aos interesses das escolas em que os mesmos atuam. Santos (2010) corrobora afirmando que a ela “não se restringe a situações formais de aprendizagem e nem tampouco se esgota em um determinado tempo e espaço” (p.66), é uma inter-

relação de fatores comprometidos com os projetos da escola e com o que a sociedade espera dela.

Quando surge uma nova nomenclatura para a formação docente, ela traz em sua justificativa romper com o que não está a contento, como uma inovação com ares de salvação – tudo será diferente e melhor. Compreender e conhecer as propostas por trás da nomenclatura e as respectivas concepções de alguns dos vários termos usados no cotidiano escolar, situando a quais linhas de formação estão aliados, passa a ser o foco do presente texto.

### Termos e concepções

Dentre os diversos modelos de formação continuada de professores aqui se apresenta alguns termos presentes no discurso cotidiano dos profissionais nas escolas e nos diversos níveis de administração, contemplando a linha que norteia as decisões e ações baseadas em suas concepções.

É pertinente esclarecer que a formação continuada não se restringe à realização de atividades que serão destacadas nas expressões a seguir, mas a importância em reconhecer as propostas vinculadas aos principais termos utilizados com sua visão de sociedade e política.

### RECICLAGEM

O termo reciclagem aparece em muitos dicionários referindo-se a processos de modificação, mais ou menos profundos, visando aumentar o rendimento ou possibilitar a reutilização. O vernáculo remete sempre a alteração da ciclagem, ou seja, do período em que se completa uma sucessão de eventos. Um significado apresentado por Houaiss (2001) é a de “formação complementar dada a um profissional, para permitir-lhe adaptar-se aos progressos industriais, científicos, pedagógicos etc”.

A proposta traz a ideia do professor como um sujeito passivo, que pode ser modificado, melhorado, adequado às necessidades do mercado, para produzir no novo ciclo de mercado.

O termo reciclagem se fortaleceu nos anos 80 partindo principalmente de questões ambientais, entretanto

[...] a adoção desse termo e sua concepção em nosso meio educacional levaram à proposição e a implementação de cursos rápidos e descontextualizados, somados a palestras e encontros esporádicos que tomam

parcelas muito reduzidas do amplo universo que envolve o ensino, abordando-o de forma superficial (MARIN, 1995, p.14).

A proposta não traz em sua essência alternativa para contribuir com o sistema educacional de maneira ampla, muito pelo contrário, coloca o professor como responsável por sua formação e isolado, como se fosse responsabilidade do indivíduo ajustar-se e acomodar-se subsidiado por fragmentos.

A possibilidade de modificação e/ou transformação por meio de iniciativas vinculadas a tais cursos rápidos, palestras e encontros esporádicos, não abrangem o universo que envolve o ensino, tornando o termo inapropriado.

## TREINAMENTO

Nos dicionários o vocábulo treinamento remete a noção de repetição com a finalidade de habilitar, adestrar ou ainda acostumar. Equivale a exercitar ou praticar repetidamente para obter uma meta, tornando apto a uma atividade ou função.

Na área de formação o termo apresenta ampla penetração como no caso da LDB 9.394, de 1996, no seu artigo 87, parágrafo 4º, que diz “até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço” (BRASIL, 1996). O que considera a prática como autossustentável, quanto mais prática, mais treinado está o profissional e conseqüentemente mais habilitado ou adestrado para cumprir com suas funções profissionais.

Nos treinamentos “ensina-se aos alunos dos cursos de formação de professores que, para fazer bem feito, eles devem conhecer bem e em seguida aplicar seu conhecimento ao fazer” (TARDIF, 2002, 18). É a proposta do fazer sabendo, bem treinado, enquanto a ação docente é dinâmica e no mínimo interdisciplinar. Apresenta-se a ação docente como um treinamento, onde o inesperado não é pertinente.

Para Marin (1995)

há inadequação em tratarmos os processos de educação continuada como treinamentos quando desencadeiam apenas ações com finalidades mecânicas. Tais inadequações são tão maiores quanto mais as ações forem distantes das manifestações inteligentes, pois não estando, de modo geral, meramente modelando comportamentos ou esperando reações padronizadas estamos educando pessoas que exercem funções pautadas pelo uso da inteligência e nunca apenas pelo uso de seus olhos, seus passos ou seus gestos. (p. 15)

A necessidade da relação entre teoria e prática na formação de professores, citado anteriormente, revela o quanto o termo é inadequado, afinal os profissionais da

educação devem ser estimulados a reelaboração de suas práticas num processo de teorização contínuo e não com características meramente técnicas.

Não é possível, entretanto, desprezar totalmente a terminologia que se mostra adequada à formação contínua na área de esportes ou educação física, quando se deseja, por exemplo, agilidade e resistência muscular, que são obtidos pela repetição e condicionamento.

#### APERFEIÇOAMENTO

O termo apresenta significados tais como: tornar perfeito ou mais perfeito; concluir com esmero; completar; acabar; emendar-se; persuadir-se; ficar convencido; dentre tantas possibilidades destaca-se a apresentada no dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999): “Emendar os próprios defeitos; corrigir-se”.

Perceber-se que o termo traz o sujeito para o centro da ação, como se a ele fosse dada a possibilidade de atingir o atributo divino da perfeição e da superação ou correção dos próprios defeitos e falhas.

Faz-se necessária cautela no uso do termo, pois caso

os professores apresentem condutas perversas, inadequadas ao atendimento dos preceitos de acesso de crianças ao conhecimento, ou atitudes discriminatórias no relacionamento com alunos, por exemplo, apresentam características profissionais que não devem ser aperfeiçoadas (MARIN, 1995, p. 16)

São contextos que requerem atenção, pois podem limitar o crescimento pessoal e profissional levando a perfeita exacerbação do que não se deseja socialmente. A formação continuada, para Marin (1995), deve ser capaz de propiciar meios com os quais o professor possa realizar seu trabalho de maneira satisfatória como um profissional comprometido no processo de transformação social, de modo a superar dificuldades.

É difícil pensar em um processo de formação que torne um profissional completo e perfeito “sob pena de negar a raiz da própria educação, ou seja, a ideia da educabilidade do ser humano” (MARIN, 1995, p.16), como já citado anteriormente nas ideias de Santos (2010) a formação não se esgota ou conclui, num determinado tempo e espaço, é um movimento dinâmico.

#### ATUALIZAÇÃO

A palavra atualização aparece no dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999) como: “Diz-se do indivíduo que está a par do que sucede no momento presente” e também apresenta a ideia de tornar-se atual; modernizar-se, o que é inquestionável na formação continuada de professores. Entretanto a atualização não deve vir de modo pronto e acabado, como verdade absoluta, é necessário que o professor reflita e selecione o que deseja incorporar ao exercício de sua profissão.

A terminologia aparece na década de 1980 como “formação compensatória destinada a preencher lacunas da formação inicial” (GATTI e BARRETO, 2003, p. 200) pautada nas constantes mudanças da sociedade, dos recursos tecnológicos, dos processos produtivos e do referencial de qualidade socialmente aceito.

Por vezes o professor é considerado desatualizado pela rotina da sala de aula, dessa maneira, a oferta de atualização profissional preenche as deficiências provocadas pelo exercício ininterrupto, ou de longo prazo, da profissão. A atualização aproxima o profissional ao conhecimento produzido, mas distante do professor.

A proposta de atualizar o professor apresenta-se como se o processo de teorização fosse deslocado do profissional, criando uma separação entre os que pensam e os que executam. É necessário que a formação continuada traga a atualização profissional por dentro da profissão, ou seja, o professor pensando, fazendo e produzindo.

## CAPACITAÇÃO

A ideia de capacitação refere-se a: tornar capaz; habilitar; convencer; persuadir e fazer acreditar. São significados distintos e nem sempre apropriados à formação de professores.

Pode ser adequado que os professores se tornem capazes e que sejam habilitados de modo a ter condições para desempenhar a profissão,

observa que essa ideia de capacitação tem como sinônimo tornar capaz: parece-me congruente com a ideia de educação continuada, pois aceitamos a noção de que para exercer as funções de educadores é preciso que as pessoas se tornem capazes, que adquiram as condições de desempenho próprias à profissão. (MARIN, 1995, p. 17)

Entretanto, complementa a autora, “os profissionais da educação não podem, e não devem ser persuadidos ou convencidos de ideias; eles devem conhecê-las, analisá-las, criticá-las, até mesmo aceitá-las, mas mediante o uso da razão” (MARIN, 1995, p.

17). Os profissionais da educação não devem ser convencidos ou persuadidos a qualquer mudança de conceitos ou prática como em uma doutrina, sem que haja questionamento crítico sobre o tema.

A capacitação de um professor, quando ocorrer, deve envolver alterações no modo de conceber o mundo, a sociedade e seus valores. Deve incidir sobre sua consciência profissional e vir ao encontro de suas necessidades e vontades.

### Considerações finais

Há uma multiplicidade de sentidos nas concepções de formação continuada atreladas aos termos vistos, e ainda, há a possibilidade de usar concomitantemente mais de um dos termos em virtude das necessidades e adaptações do sistema ao longo do exercício profissional.

A necessidade de formação do profissional da educação é contínua, porém não se limita e nem confunde com a realização de cursos ou atividades pontuais e desconectadas com a função social do trabalho do professor.

Assim a escolha perpassa por uma complexidade de intenções e terminologias que por vezes encantam e que se apresentam de maneira sedutora, difícil de reconhecer os sentidos ocultos.

A relação entre teoria e prática, bem como o reconhecimento dos termos e concepções utilizados nas propostas de formação continuada se aliam a um projeto político de sociedade. É preciso conhecer para poder escolher a qual projeto se deseja vincular.

Os paradigmas tratados neste texto trazem as premissas com as quais se aliam as propostas de formação continuada, destacando que o comportamento profissional não se apresenta de maneira isolada, está atrelado aos projetos de desenvolvimento da escola e às questões educacionais gerais, assim como de sociedade.

### REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

BORGES, Livia F. F.. Um currículo para a formação de professores. In. VEIGA, Ilma P. A., SILVA, Edileuza F. (Orgs) **A escola mudou**. Que mude a formação de professores – Campinas: Papirus, 2010, p.35-60.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CHARLOT, Bernard. **Relações com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artimed, 2005.

DIAS-DA-SILVA, Maria H. G. F. **Política de formação de professores no Brasil**: as ciladas da reestruturação das licenciaturas. In: Revista. *Perspectiva*. Florianópolis-SC, v.23, n.02, p.381-406, jul-dez. 2005.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GATTI, Bernadete A. **Formação continuada de professores**: a questão psicossocial. *Cadernos de Pesquisa*, n. 119, 2003.

GIMENO SACRISTÁN, J. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.). **Profissão Professor**. Porto, Porto Editora, 1995.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

MANACORDA, Mario A. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

MARIN, Alda J. **Educação Continuada**: Introdução a uma Análise de Termos e Conceções. *Cadernos Cedes*, Campinas (SP): Papyrus, n. 36, 1995. p.13-20.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: **Profissão Professor**. NÓVOA, António (org.). Porto, Porto Editora, 1995.

SANTOS, Edlamar O. **A Formação continuada na rede municipal de ensino do Recife**: concepções e práticas de uma política em construção. Tese. Recife: PPGE UFP, 2010.

SILVA, Kátia A. C. P. C. da. **A formação de professores na perspectiva crítico-emancipadora**. *Linhas Críticas: Revista da Faculdade de Educação da UnB*, Brasília, v. 17, n. 32, p. 13- 31. Jan./abr. 2011.

SILVA, Kátia A. C. P. C. da. A questão docente: profissionalização, carreira e decisão política. In: Cunha, Célio; Sousa, José Vieira; Silva, Maria Abádia (Orgs). **Políticas Públicas de Educação na América Latina**: Lições Aprendidas e Desafios. Campinas, SP: Autores Associados, 2011b.

TARDIF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. *Rev. Bras. Educ.*[online]. 2002, n.13, pp. 05-24.